

REGIÃO METROPOLITANA

# SALVADOR

salvador@grupoparade.com.br

**TRADIÇÃO** Festa de Santa Bárbara  
inicia eventos populares nesta quarta

www.atarde.com.br/bahia

**ACOLHER** Política nacional para os que vivem nas ruas faz 10 anos, mas IBGE nunca os incluiu no recenseamento

## Censo de população de rua será em 2020

JANE FERNANDES

O primeiro censo oficial da população em situação de rua de Salvador será realizado após o carnaval de 2020, é o que afirma a secretária municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza, Ana Paula Matos. Ela informa que a contratação do Projeto Axé para realizar esse levantamento foi publicada no Diário Oficial do Município, semana passada, dando início ao processo de recrutamento e preparação das equipes.

Quanto à previsão para realizar a pesquisa, Ana Paula explica que a capital baiana costuma receber grande fluxo de cidades vizinhas no período entre o Natal e o carnaval. São homens e mulheres que chegam a Salvador tanto para pedir ajuda financeira, quanto para atuar no comércio informal, e muitas vezes acabam ficando nas ruas, o que poderia mascarar o resultado.

Atualmente, a Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Sempre) tem 5,9 mil pessoas cadastradas, número que representa todos os indivíduos em situação de rua que recebem, ou ainda recebem, algum serviço municipal.

Há alguns anos, o Projeto Axé realizou um censo em parceria com a Universidade Federal da Bahia, mas nesse levantamento foram contabilizadas também pessoas que passam o dia trabalhando informalmente nas ruas, mesmo tendo uma moradia. A secretária explica que a metodologia alinhada para o censo oficial inclui apenas aqueles que moram efetivamente nas ruas.

De acordo com o coordenador-geral dos Direitos das Populações em Situação de Risco do Ministério dos Direitos Humanos, Carlos Ri-



Rafael Martins/ Ag. A TARDE

Romualdo Azevedo, 33



Moradores de rua da região das Sete Portas, na capital

cardo, há uma demanda da coordenação para que esse público seja incluído no Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mas ainda não foi possível.

### Vida nas ruas

Embora a Política Nacional para a População em Situação de Rua complete 10 anos no próximo dia 23, tudo que se tem são estimativas realizadas pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2016, que apontaram cerca de 102 mil pessoas. O coordenador acrescenta que na última atualização do Cadastro Único, em agosto

desse ano, o número de pessoas em situação de rua chegou a 136.976.

Na região da Sete Portas, embaixo da marquise de um prédio abandonado, não faltam pessoas para entrar no censo. É nesse local que Romualdo Santos de Azevedo, 33 anos, tem passado suas noites nas últimas semanas. Na rua há 13 anos, ele tinha um barraco de madeira no outro lado da via, mas foi removido por conta das obras de recuperação em andamento no local.

Romualdo conta que, na época, aceitou ir para uma unidade de acolhimento, mas não chegou a completar

uma semana no local. "É melhor, mas é complicado... a gente está no costume da rua", comenta.

Abrigado em uma barraca feita de lençóis, Romualdo diz que não tem contato com parentes há cerca de oito anos. Para sobreviver, ele recolhe material reciclável e conserta peças eletrônicas, o que aprendeu a fazer sozinho. "Tem gente que já me conhece e traz para eu consertar, e tem coisas que acho na rua, conserto e vendo", explica, mostrando caixas de som desmontadas.

No mesmo local, Luís Henrique Souza Silva, 57 anos, conversou com a reportagem de A TARDE enquanto arrumava seu carrinho para começar a busca por latas de alumínio e outros materiais que possam ser vendidos nas unidades de reciclagem. Ele não sabe exatamente há quanto tempo está nas ruas, mas garante que já se passaram mais de dez anos desde que cansou dos desentendimentos com a família.

Luís reclama que já se inscreveu na Bolsa Família e no Auxílio Moradia, mas nunca conseguiu. Ele desconhece as condições para obter tais benefícios, mas conta que nunca aceitou ir para unidades de acolhimento, pois acha que vai ficar longe para fazer seu trabalho de recolher recicláveis.

"Importante é que a gente não rouba ninguém. O pessoal passa aqui despreocupado, pois sabe que também não deixamos ninguém roubar", garante Luís, enquanto os pedestres passam pelo local normalmente. Ele conta que antigamente passava algumas horas do dia numa unidade de atendimento, que não soube indicar se era do Município ou Estado, mas não se sentia confortável. "Tiram onda com a gente", conclui.

## Salvador conta com 11 UAIs

Quando a reportagem de A TARDE chegou à Unidade de Acolhimento Institucional (UAI) dos Barris, Robson Teles dos Santos, 41 anos, e Luciano Pereira Santana, 39, disputavam uma partida de dominó. O jogo é a diversão para os momentos em que não estão buscando atividades para ganhar dinheiro e conseguir as condições necessárias para obter o Auxílio Moradia.

Após 25 anos vivendo na rua, Robson completou seu quarto mês na unidade, mas confessa que no início foi difícil se acostumar com o lugar. Durante o dia, ele frequentemente sai para ganhar algum dinheiro guardando carros, atividade que mantém há anos.

Já Luciano chegou há menos de um mês e diz que a vivência na UAI é uma questão de exercitar a paciência e o amor ao próximo. Ele cresceu nas ruas e nos últimos tempos costumava ficar na região da Barra, onde lavava carros e ajudava baraqueiros na praia. Agora, diz que faz um trabalho sempre que tem oportunidade.

Coordenadora da unidade dos Barris, Paloma Carolina Santos, explica que para obter o Auxílio Moradia, a pessoa abrigada precisa desenvolver uma atividade que lhe permita ganhar dinheiro. Afinal, o auxílio de R\$ 300,00 tem o objetivo de custear o aluguel, mas ter uma casa implica em outras



Moradores de rua atendidos pela Sempre

despesas. Conforme informado pela Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Sempre), 875 pessoas/famílias em situação de rua recebem o auxílio. Atualmente, Salvador conta com 11 UAIs em funcionamento, abrigando cerca de 550 pessoas.

**875 é o número de pessoas e famílias que recebem o Auxílio da Sempre**

Entre os serviços específicos disponíveis no âmbito municipal, a população de rua conta ainda com quatro Centros POP, onde podem passar o dia em atividades coletivas e de integração; e o Núcleo de ações Articuladas para População em Situação de Rua, que oferece assistentes sociais, psicólogos e advogados, e tem capacidade para 250 atende-

dimentos/dia.

Em nota, a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia destacou a existência de Centros POP em 13 municípios baianos, a presença do Serviço Especializado em Abordagem Social em 14 municípios, além das Unidades de Apoio na Rua (UAR) do programa Corra pro Abraço. O texto explica que as UAIs são espaços voltados para o acolhimento, autocuidado e promoção de direitos como saúde e cidadania, e já realizaram 4.411 atendimentos esse ano.

## 'Se você não é contado, não existe', diz ativista



Carlos Martins (SJDHDS) com líderes de movimentos

Coordenadora do Movimento Nacional de População de Rua na Bahia e responsável pela região Nordeste, Sueli Oliveira vê a ausência desse público no Censo do IBGE como um reflexo da exclusão social dos que vivem em situação de rua. "Se você não é contado, você não existe", reclama Sueli, ressaltando que sem números é muito mais difícil definir e direcionar políticas públicas.

Embora considere a Política Nacional para a População em Situação de Rua, criada em 23 de dezembro de 2009, um marco legal importante, Sueli considera que o decreto é um instrumento frágil, por não ter uma lei específica que dê suporte.

"Muitos gestores acham que todas as pessoas em si-

tuação de rua têm uma demanda única, que o trabalho que serve para uma, serve para todas, mas não é assim", pondera Sueli. Ela alerta para a importância de escutar as pessoas que vivem nas ruas, de forma a entender qualis se encontram histórias e necessidades bastante distintas.

A coordenadora do Movimento também destaca que a relação da sociedade em geral com a população de rua é marcada por contradições, pois em alguns momentos parecem demonstrar preocupação humanitária e em outros com preconceito e desconfiança. Por isso, defende a necessidade de programas intersectoriais para inclusão social efetiva das pessoas em situação de rua.